

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

95/96

32

Maria Inês Batista B. Ramos*

A Fala como Fonte de Prazer em Busca da Comunicação

Ele é surdo? Quando ele irá falar doutor? Ele vai falar?

Esse é uma das maiores expectativas dos familiares de uma pessoa surda. Antes mesmo de se pensar no indivíduo, se pensa no que esse indivíduo irá falar. Sabe-se por definição de autores que a fala é a realização individual de uma língua, portanto a fala não pode ser vista como um simples ato motor. É preciso que o indivíduo ao falar esteja realmente querendo expressar seus sentimentos e idéias. Como levar o indivíduo surdo a adquirir a linguagem oral? Penso que é necessário primeiro procurarmos entender todo o universo da surdez e o indivíduo surdo, portador de uma linguagem corporal e de sinais rica em significados que falam do seu próprio mundo. Somente aceitando essa linguagem, que para mim é a própria aceitação da pessoa surda, é que poderemos fazer com que ela tenha o desejo de conhecer a língua das

pessoas que estão ao seu redor. Ao ser aceito em seu meio, essa pessoa certamente quererá se comunicar através dessa linguagem usada pela maioria das pessoas, que é a linguagem oral. O surdo irá se enriquecer ao descobrir as regras da forma ouvinte de falar e o ouvinte repensará e reestruturará suas formas de trabalho com o indivíduo surdo.

Ao iniciar o trabalho fonoaudiológico e ao dizer suas primeiras palavras, ao surdo é cobrada a perfeição, por quê? Se à criança ouvinte é dado um tempo para a instalação correta da fala, se com ela ocorrem trocas, erros semânticos e sintáticos decorrentes do próprio processo de aprendizagem da língua, por que ao surdo não é dada a possibilidade de passar pelas etapas normais de aquisição da linguagem oral? Por que ele tem que ser perfeito desde o seu primeiro /a/? Dessa exigência toda em torno da fala do surdo, pen-

* Pós-graduada em Fonoaudiologia, Psicomotricidade e Docência Superior Professora auxiliar do Instituto Brasileiro de Medicina e Reabilitação Fonoaudióloga do INES

so vir a falta de desejo deles, na comunicação oral.

Numa experiência vivida por mim, dentro de um projeto de pesquisa no INES, me vieram todos esses questionamentos, já que a minha função era o trabalho fonoaudiológico responsável pela instalação e organização da fala na criança surda na fase Pré-Escolar. As crianças surdas com quem trabalhei mostraram-me que não posso colocar um indivíduo sentado diante de uma mesa e espelho e fazer sair de sua boca um fonema, uma palavra ou frases sem saber primeiro quem é esse indivíduo, o que ele pensa e o que ele gostaria de me dizer, ou até mesmo respeitar o direito de ele não me dizer nada num determinado momento.

Se ao contrário, eu respeito esse indivíduo, parando para "ouvir" tudo que sua expressão corporal e a sua linguagem sinalizada podem transmitir, pode-se então, iniciar um diálogo verdadeiro. A experiência me diz que o desejo de conhecer o que estou dizendo e saber como produzir sons, a descoberta que esses sons têm significados e que esses significados produzem a comunicação, faz brotar uma vontade intensa de utilizar a fala como fonte de prazer em busca da comunicação com o outro.